

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



Edição especial 15 anos

Macaqueiro

Ano XIV | Nº 64 | Mar/Abr de 2014 | Tefé (AM) | Brasil | ISSN 2317-4587

Feliz aniversário Instituto Mamirauá!

Para comemorar os 15 anos do Instituto Mamirauá, esta edição apresenta um resgate histórico, avanços e novos desafios - como o Centro Vocacional Tecnológico (CVT). Os estudantes do CVT, inaugurado em março deste ano, estão comemorando conosco!





Macaqueiro

EDIÇÃO
ESPECIAL
15 ANOS

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



Nesta edição

Reportagem especial

Feliz aniversário Instituto Mamirauá!

03

Opinião

A palavra é... quinze

11

Projeto

Em prol da floresta

12

Produzimos

Confira as últimas produções científicas
e técnicas do Instituto Mamirauá

14

Uau!

A fotografia para ilustrar esta edição
também é comemorativa aos 15 anos
do Instituto Mamirauá

15

Francisco Rosa

As comemorações dos 15 anos do Instituto Mamirauá começaram em 2013, com um concurso de desenhos entre os estudantes de Tefé (AM). Mais de 500 desenhos foram produzidos associados às atividades do Instituto Mamirauá. Doze deles integram o calendário de 2014, comemorativo aos 15 anos. Na imagem, a entrega da premiação para Mariane dos Santos Lopes, de 6 anos, da Escola Municipal Mayara Redman.



EXPEDIENTE

Feliz aniversário Instituto Mamirauá

Por Eunice Venturi

Avanços, reconhecimentos, crescimento. Nos 15 anos do Instituto Mamirauá, além de lembrar essa história exitosa, o Macaqueiro aborda a trajetória que começou antes da sua fundação e os novos desafios

Em 2013, durante uma Assembleia Geral da Reserva Mamirauá, que refletia sobre os 22 anos de constituição dessa unidade de conservação, um líder comunitário disse: “Nós também destacamos a fundação do Instituto Mamirauá como uma evolução, de crescimento, de vida para a unidade. O Insti-

tuto Mamirauá é muito importante na nossa vida, por aquilo que representa, por aquilo que desenvolve”.

A fala de Luiz Gonzaga de Matos, membro da Colônia Z-32 de Maraã, alegrou colaboradores do Instituto Mamirauá que acompanhavam a reunião entre moradores e usuários da reserva. Naquele momento,

várias outras falas seguiram destacando os resultados decorrentes de pesquisa científica para a conservação dos recursos naturais e de melhoria de qualidade de vida. Mas essa história começou muito antes.

Em 1980, o primatólogo José Márcio Ayres iniciou uma pesquisa na região, atraído pelos relatos

Muito para comemorar: anualmente, o Instituto Mamirauá desenvolve cerca de 90 projetos de pesquisa simultâneos. Os projetos envolvem áreas de interesse socioambiental, lidando com a conservação da biodiversidade, seu uso sustentável, e o incremento da qualidade de vida das populações ribeirinhas.



Luiz Claudio Marigo

do naturalista inglês Henry Walter Bates sobre a presença de uma espécie endêmica de macaco: o uacari-branco (*Cacajao calvus calvus*). Cinco anos depois, encaminhou uma proposta à Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA), do Governo Federal, para a criação de uma área de cerca de 200 mil hectares para a proteção do uacari-branco.

A solicitação foi atendida em 1986 com a criação da Estação Ecológica Mamirauá. Em 1990 essa Unidade de Conservação passou para a administração do Governo do Estado do Amazonas e na ocasião houve uma expansão dos seus limites, abrangendo uma área de

1.124.000 hectares. Desde então, um número cada vez maior de pesquisadores e técnicos foram integrados à equipe do então Projeto Mamirauá, criado para desenvolver atividades de pesquisa e extensão na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

Quase 20 anos depois da chegada de José Márcio Ayres, uma organização social foi criada e hoje comemora 15 anos: o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Fundado no dia 23 de abril de 1999, a instituição, transformada em uma unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, nasceu com

a missão de “promover pesquisa científica para a conservação da biodiversidade através do manejo participativo e sustentável dos recursos naturais na Amazônia”.

O crescimento da infraestrutura de pesquisa tem sido um dos resultados dessa história: “Hoje, apoiamos ou realizamos pesquisas científicas fora de áreas protegidas, em várias partes da calha do Solimões-Amazonas, mas também realizamos ou apoiamos pesquisas científicas em mais de 20 diferentes unidades de conservação na Amazônia como um todo”, destacou Helder Lima de Queiroz, Diretor Geral do Instituto Mamirauá.

15 anos



A V Assembleia Geral da Reserva Mamirauá foi realizada de 3 a 5 de outubro de 1997, em Tefé (AM). Na imagem, moradores e usuários dessa Unidade de Conservação, além de técnicos e pesquisadores do Instituto Mamirauá reuniram-se em um momento histórico. A reunião resultou no início da segunda fase do Projeto Mamirauá, que antecedeu o Instituto Mamirauá, com a implementação do plano de manejo da Reserva.



Marcelo Santana



Sônia Vill



Edu Coelho



Edu Coelho

As ações promovidas nesses 15 anos pelo Instituto Mamirauá ocorrem dentro das linhas de atuação de pesquisa para a conservação, assessoria técnica para o manejo sustentável de recursos naturais, educação ambiental, entre outras. Além disso, o Instituto Mamirauá vem influenciando na formulação de políticas públicas na área de meio ambiente e recursos naturais na Amazônia.

Foram os casos da proposta de manejo de pirarucus e da instrução normativa número 009, publicada em 12 de novembro de 2010, específica para o manejo florestal em ecossistemas de várzea. Tanto a proposta de manejo de pirarucus quanto a instrução normativa para manejo florestal tomaram como base os projetos de manejo desenvolvidos junto a comunidades da Reserva

Mamirauá, cujas pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Mamirauá, desde a década de 1990, tornaram as iniciativas pioneiras na Amazônia.

A criação do Instituto Mamirauá não se resume aos textos escritos nessas páginas (veja *Mamirauá em Números* na página 10). Mas é certo que os resultados de sua atuação têm sido importantes e por isso replicados para outras partes da Amazônia, além de fortalecido a implementação de políticas públicas. Mamirauá também tem sido inspiração para artistas, que o diga o poeta amazonense Thiago de Mello.

Em certa ocasião, Thiago reuniu as palavras “Mamirauá”, “chegada” e “amor” para falar dessa história formada por muitas pessoas que “viveram” ou “vivem” aqui: “Porque fundação é o homem chegando, para

permanecer e para amar”. Aos que permanecem ou estão chegando, um reconhecimento por tudo que estão ajudando a construir. Aos que amaram: muito obrigado!

“Sou muito grata por fazer parte desta história. Comecei no escritório em Belém (PA) e hoje, em Tefé, vejo um lugar imponente e respeitado mundialmente. O Instituto Mamirauá abre portas de trabalho para pessoas de Tefé (AM), apoia os comunitários na gestão das reservas, abre possibilidades para pesquisadores de todo o mundo e contribui para a conversação da biodiversidade”.

DOLLY SÁ, OUVIDORA DO INSTITUTO MAMIRAUÁ. FOI A PRIMEIRA FUNCIONÁRIA CONTRATADA PELO INSTITUTO MAMIRAUÁ, EM 2001.

Rafael Forte



Marcelo Santana



Rafael Forte



Jovens no foco de um novo projeto

“Nós vamos estudar neste prédio, mas nossa sala de aula será muito maior, será toda a região do Médio Solimões”. Com esse mapa na cabeça, Raimundo Moreira, morador da Reserva Mamirauá, se apresentou durante a inauguração do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) Tecnologias Sociais da Várzea Amazônica do Instituto Mamirauá, em março. Raimundo e outros 28 jovens vão passar dois anos trocando experiências em Tefé, principalmente junto aos projetos de manejo de recursos naturais desenvolvidos nas reservas. Eles integram o projeto cujo foco é a capacitação e o aperfeiçoamento técnico de produtores rurais que atuem em sistemas ligados aos recursos naturais. O CVT do Instituto Mamirauá é o primeiro do Amazonas e mais dois centros flutuantes serão construídos em áreas nos municípios de Fonte Boa e Maraã. “Esse é o início de um projeto educacional que irá trabalhar com as lideranças jovens”, comentou Sandro Augusto Regatieri, um dos responsáveis pelo CVT. Os Centros Vocacionais Tecnológicos (CVTs) são unidades de ensino e de profissionalização, voltados para a difusão do acesso ao conhecimento científico e tecnológico, conhecimentos práticos na área de serviços técnicos, além da transferência de conhecimentos tecnológicos na área de processo produtivo. É uma iniciativa da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social do Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (SECIS/MCTI). Atualmente, há 370 CVTs no Brasil.



Para que o Instituto Mamirauá contribuísse com a conservação dos recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida das populações locais das reservas, a estratégia utilizada foi o manejo participativo.

Do Projeto Mamirauá ao Instituto Mamirauá

Márcio Ayres, primatólogo, em sua tese de doutorado resolveu estudar o macaco uacari, uma espécie endêmica da região do médio rio Solimões, no Amazonas. Começou a mentalizar um esquema de proteção para a área geográfica ocupada pelo macaco uacari. Fez contatos com políticos do estado do Amazonas e começou a se infiltrar nos bastidores dos ministérios de Brasília, vendendo a ideia da criação de uma unidade de conservação para proteção dessa espécie de macaco. O governo do Amazonas criou em 1990 a Estação Ecológica Mamirauá - EEM, com uma área de 1.124.000 hectares. Com a criação da EEM, o jovem cientista encontrou o que seria seu principal objetivo: criar e gerir unidades de conservação em áreas ecologicamente importantes para promover a conservação da biodiversidade brasileira.

Márcio começou então a elaborar projetos para obter financiamento e montar uma equipe de trabalho a fim de desenvolver pesquisas na área. Em 1992 recebeu um grande financiamento de uma instituição inglesa – ODA, depois denominada DFID – para realização de trabalhos na área com o objetivo elaborar um plano de manejo para a mesma. Na EEM habitam povos com uma cultura típica à adaptação em área de várzea alagada. Márcio estava mais uma vez diante de um dilema. Para conservar esse ecossistema, a categoria Estação Ecológica não permitia a presença de população humana. Márcio fez ver a comunidade científica, os dirigentes de órgãos públicos ligados à questão ambiental que de nada valia preservar o meio ambiente sem levar em conta a **espécie humana**. Ele desenvolveu, com a ajuda de uma equipe de pesquisadores ligados à questão social, trabalhos junto a essas comunidades para mostrar a eles a possibilidade dos mesmos serem mantidos na área, desde que usassem os recursos naturais dentro de uma perspectiva racional de manejo. Pesquisas nas áreas biológica e social começaram

a ser realizadas e, para resolver essa questão da presença do Homem dentro de uma Estação Ecológica, Márcio imaginou um novo modelo de categoria de área protegida, a chamada **Reserva de Desenvolvimento Sustentável**. Contratou um jurista para preparar o regulamento e, conseguiu em 1996 transformar a EEM em Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – RDSM. Estava assim assegurada a permanência da população na área. Em 1992, com novos financiamentos chegando para o Mamirauá, cria-se a ONG, Sociedade Civil Mamirauá para administrar e captar recursos para o **Projeto Mamirauá**. Márcio cria também em 1998 a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã – RDSA, ligada a Mamirauá e com área duas vezes maior.

A esta altura o Projeto Mamirauá dispunha de uma equipe de funcionários e pesquisadores entrosados e afinados ao seu ideal, que tocavam os projetos nas duas reservas sempre com a orientação e debaixo dos princípios ideológicos de seu idealizador. Mamirauá e Amanã tiveram um grande espaço na mídia internacional e nacional e o Governo Brasileiro, através do CNPq, sugeriu a criação de um Instituto de Pesquisas que viesse dar continuidade a esse trabalho. Em 1999 é criado o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM e em 2001 é assinado o contrato de gestão do IDSM com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI.

José Márcio foi o primeiro Diretor do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Pela determinação da equipe inicial, e da que hoje atua na instituição, o IDSM segue em ritmo crescente, é importante para a região e reconhecido nacional e internacionalmente.

ANA RITA PEREIRA ALVES,
ASSESSORIA INSTITUCIONAL DO
INSTITUTO MAMIRAUÁ
DIRETORA GERAL DE 2002 A 2010

Linha do tempo

1980

O primatólogo José Márcio Ayres inicia seus estudos nos rios da região do Médio Solimões.



Marcelo Santana

1986

Criação da Estação Ecológica Mamirauá pela Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA) – Governo Federal.

1990

Administração da Estação Ecológica Mamirauá é transferida para o Governo do Estado do Amazonas.

A Estação Ecológica Mamirauá (EEM), já no âmbito do Governo do Estado do Amazonas, teve sua área expandida para 1.124.00 hectares e seus limites definidos pelos Rios Solimões, Japurá e Auati-Paraná.

Criação do Projeto Mamirauá.



Bruno Barreto

1996

A Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas cria a categoria de Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

Estação Ecológica Mamirauá é transformada em Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

1999

Criação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

O Presidente da República Fernando Henrique Cardoso visita a Reserva Mamirauá durante a semana do meio ambiente e preside uma solenidade em plena Reserva, consagrando ao Instituto o status de organização social, entidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, ligado ao MCTI.

2001

Firmado o primeiro contrato de gestão entre o Instituto Mamirauá e o Ministério da Ciência e Tecnologia.

Início da replicação do sistema de manejo de pirarucu para pescadores de Santarém (PA) e da Guiana Inglesa.

1980
1984 a 1985
1986
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
1984-1985

Elaboração e solicitação encaminhada pelo biólogo José Márcio Ayres e pelo fotógrafo Luiz Claudio Marigo à Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA) do Governo Federal, para a criação de uma área de cerca de 200 mil hectares para a proteção do primata uakari-branco.

1992
Criação da Sociedade Civil Mamirauá.

1993

A Reserva Mamirauá é reconhecida como um Sítio Ramsar.

A Sociedade Civil Mamirauá propõe ao governo do Estado do Amazonas a categoria de Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), modelo de Unidade de Conservação que alia conservação com presença humana na área.

Sônia VIII


1995

Governo do Amazonas cria a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã.

As primeiras experiências de manejo de pirarucu iniciam na Reserva Mamirauá.

1998

O Governo do Amazonas, através do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM), renova o convênio de cooperação técnico-científica e de apoio com a Sociedade Civil Mamirauá, para gestão ambiental da Reserva Mamirauá

2000

A categoria de Reserva de Desenvolvimento Sustentável é aprovada pelo Congresso Nacional e incluída pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Aprovadas, pelo IBAMA, as primeiras licenças para manejo florestal comunitário na várzea da Reserva Mamirauá.



2004

Inauguração da nova sede do Instituto Mamirauá, construída com recursos obtidos junto à Finep (Financiadora de Estudos e Projetos).

A Sociedade Civil Mamirauá ganha o prêmio *Equator Initiative*, organizado e financiando pelo *United Nations Development Programme*. Reconhecimento pela iniciativa comunitária associada a um Sítio do Patrimônio Mundial.



2007

Levantamento populacional em toda a região da área subsidiária (864 mil ha) da Reserva Mamirauá e proposta de zoneamento dessa área.

2006

Elaboração do primeiro Plano Diretor do Instituto Mamirauá, visando consolidar sua inserção no cenário da ciência e tecnologia da Amazônia.

2010

Instituto Mamirauá promove o 1º Seminário de Manejo Florestal Comunitário em Área de Várzea, com apoio de outras instituições.

Pesquisador do Instituto Mamirauá, Robinson Botero-Arias, é agraciado com o "*Castillo's Conservation Prize*", pela União Internacional Conservação da Natureza (IUCN).

2011

Programa de Manejo de Pesca é premiado pela Secretaria da Convenção de Ramsar das Nações Unidas, com a iniciativa de manejo de pirarucus.

Criação do Núcleo de Inovação e Tecnologias Sustentáveis (Nits) com o objetivo de promover a cultura da inovação tecnológica no Instituto Mamirauá.

2012

Realização do 1º Seminário Internacional sobre Conservação e Manejo de Pirarucu em ambientes naturais em Manaus (AM).

Vencedor do Prêmio Finep de Inovação 2012, na categoria Tecnologia Social, com o experimento de Sistema de Abastecimento de Água, desenvolvido pelo Programa Qualidade de Vida.



2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

2010

2011

2012

2013

2014



2003

As Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã são reconhecidas pela UNESCO como Sítio do Patrimônio Natural da Humanidade.

2008

Início do rastreamento on-line da produção de pirarucu manejado.

2009

Instituto Mamirauá acompanha discussões de iniciativas de acordo de pesca em áreas fora de Unidade de Conservação na região de Tefé.

2013

Na categoria Assessoria de Comunicação, o Instituto Mamirauá vence o 4º Prêmio Fapeam de Jornalismo Científico.

Pesquisador do Instituto Mamirauá, Felipe Ennes Silva, vence o Prêmio Liza Veiga de Conservação, concedido durante o 2º Congresso Latino-Americano de Primatologia realizado em Recife (PE) de 05 a 09 de agosto.

O Instituto Mamirauá começa a assessorar pescadores urbanos de Tefé, visando o manejo de recursos pesqueiros em áreas fora dos limites das Reservas Mamirauá e Amanã.

2014

Inauguração do Centro Vocacional Tecnológico de Tecnologias Sociais da Várzea Amazônica.

23 de abril: 15 anos.

2002

O Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, visita novamente a Reserva Mamirauá.

José Márcio Ayres é agraciado com o Prêmio Rolex por suas realizações no âmbito da ciência para a conservação.





Um dos resultados da atuação do Instituto foi a criação junto ao CNPq, a partir de 2004, de Grupos de Pesquisas interligados a colaboradores externos em outras instituições no Brasil e no exterior. Os grupos também estimulam a formação de estudantes e bolsistas de várias instituições. Esses grupos atuam nos seguintes temas: ecologia de vertebrados terrestres; mamíferos aquáticos amazônicos; populações ribeirinhas; territorialidades, identidades e gestão ambiental em áreas protegidas; organização social e manejo participativo; agricultura amazônica; ecologia florestal; ecologia e conservação de répteis; tecnologias sustentáveis e ecologia e biologia de peixes.

Mamirauá em números

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- > 392 artigos científicos
- > 1.178 apresentações em eventos científicos
- > 109 capítulos de livros
- > 43 livros
- > 101 teses e dissertações
- > 6 protocolos de manejo de recursos naturais
- > Mais de 250 bolsas de iniciação científica foram concedidas para estudantes de ensino médio e superior do município de Tefé (AM) nestes 15 anos

RENDA GERADA PARA COMUNIDADES RIBEIRINHAS

- > De 1998 a 2013, 1,9 milhão de reais foram gerados para as

- comunidades com as iniciativas de turismo de base comunitária
- > De 1999 a 2013, mais de 12 milhões de reais foram gerados para as comunidades com as iniciativas de manejo de pesca
- > De 2001 a 2013, 600 mil reais gerados para as comunidades com as iniciativas de manejo florestal

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

- > 16 sistemas de abastecimento de água instalados
- > Mais de 1.200 comunitários receberam formação para atuarem como líderes, agentes ambientais voluntários e comunicadores populares

ATUALMENTE

- > 329 colaboradores, sendo 223 funcionários, 88 bolsistas, 14 estudantes de pós-graduação e 4 estagiários.
- > Sede em Tefé (AM), com área construída de 4 mil metros quadrados
- > Escritórios de representação em Manaus (AM) e Belém (PA)
- > 16 bases flutuantes de campo
- > 1 base em terra firme de campo
- > 1 laboratório de selva em terra firme
- > Biblioteca Henry Walter Bates com mais de 15 mil títulos. Especializada em ambiente de várzea, ecologia e meio ambiente

A palavra é... quinze

Neste mês de abril o Instituto Mamirauá comemora os seus 15 anos de idade. É um dos institutos de pesquisa mais jovens dentre as quase 30 instituições de pesquisas ligadas ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Apesar disso, em tão pouco tempo o Mamirauá já caminhou bastante, avançando sempre em direção à nossa missão, e a combinação do trabalho de todos nós, juntos, permitiu que grandes conquistas fossem alcançadas nestes poucos anos.

Por meio de um verdadeiro esforço coletivo, e com uma produção científica que cresce ano a ano, o IDSM hoje já atinge os mesmo índices de produtividade científica que outras grandes instituições científicas nacionais que atuam em temáticas semelhantes. Isto é resultado não apenas da implantação de um programa de captação de recursos humanos de alto perfil e de um forte programa de capacitação dos pesquisadores da casa. É também resultado de uma captação eficiente de recursos externos e da manutenção de uma ampla carteira de projetos de pesquisa, que viabiliza quase 100 investigações científicas simultâneas em diferentes temas e lugares.

Nestes 15 anos a infraestrutura do IDSM foi bastante ampliada, com a multiplicação de prédios de pesquisa e de desenvolvimento de ações para manejo e qualidade de vida. Estes vieram somar-se a uma extensa rede de instalações de campo que dá suporte ao trabalho dos cerca de 10 grupos de pesquisa, e das várias coordenações de manejo. Mais recentemente, pudemos acompanhar o início da criação de infraestruturas adequadas e dedicadas a abrigar coleções do acervo científico do IDSM.

Projetos estruturantes institucionais foram responsáveis pela criação de laboratórios de qualidade para as análises de materiais e dados, dando suporte para a atuação dos grupos de pesquisadores, de seus bolsistas, alunos e estagiários, e também de vários colaboradores em instituições no Brasil e no exterior.

Um aspecto importante do IDSM que veio se consolidando ao longo destes 15 anos é o suporte para projetos de pesquisa e monitoramento de longo prazo, acompanhando tanto sistemas e dinâmicas sociais quanto ambientais, todos relacionados aos principais interesses institucionais. Tornando possível, deste modo, subsidiar de forma decisiva alguns importantes processos de tomada de decisão e de formulação de políticas públicas regionais.

São muitos os exemplos. Desde a construção de tecnologias sociais para manejo de componentes da biodiversidade, certamente a nossa faceta mais conhecida junto à sociedade, até a construção e disponibilização de longas séries históricas de aspectos ambientais e humanos que ocorrem na área de atuação direta do IDSM. Várias destas informações já estão abertas, com acesso em tempo real, na página do Mamirauá na Internet.

Ao longo deste período, muitas ações que tiveram o início do seu desenvolvimento em Mamirauá, e que eram inéditas até então, foram fundamentais para consolidar princípios que, hoje, são vistas como senso-comum ou corriqueiras na Amazônia.

Tantos bons resultados permitiram a expansão das abordagens e boas práticas do IDSM para outras áreas na Amazônia Brasileira, especial-



Edu Coelho

mente de florestas alagáveis. Esta ampliação da abrangência do Instituto Mamirauá é realizada apoiando ou mesmo executando pesquisas ou projetos piloto de manejo sustentável da biodiversidade em várias partes da região Norte, desde a fronteira com a Colômbia, nas várzeas do Rio Javari, até as florestas de manguezais na costa atlântica do Pará e do Amapá, passando pelas principais porções da várzea dos rios Japurá, Juruá, Jutai, Purus, e trechos do Solimões.

Hoje, apoiamos ou realizamos pesquisas científicas fora de áreas protegidas, em várias partes da calha do Solimões-Amazonas, mas também realizamos ou apoiamos pesquisas científicas e projetos de manejo em mais de 20 diferentes unidades de conservação na Amazônia como um todo.

Este viés de vanguarda se observa em muitos outros exemplos, é uma característica inata do Instituto Mamirauá, e é exatamente o que se espera de uma instituição de pesquisa vigorosa, atuante e determinada, voltada para a sua missão de realizar pesquisas para subsidiar a conservação da biodiversidade, a qualidade de vida das populações a ela associadas, e para o desenvolvimento sustentável desta parte tão especial da Amazônia.

Helder Lima de Queiroz
Diretor Geral do Instituto Mamirauá

Em prol da floresta

Por Paulo Henrique Araujo

Projeto de sensibilização vai envolver manejadores florestais e aumentar o elo entre escolas e comunidades

Rafael Forte



Levar o conhecimento do manejador florestal a estudantes por meio de atividades práticas de sensibilização ambiental. Essa é a intenção do Instituto Mamirauá com escolas de comunidades da Reserva Mamirauá. A proposta, que será executada ao longo dos próximos cinco anos, faz parte do projeto “Participação e Sustentabilidade: o uso adequado da biodiversidade e a redução das emissões de carbono nas florestas da Amazônia Central”, desenvolvido pelo Instituto Mamirauá, com financiamento do Fundo Amazônia.

Com a execução da proposta, os moradores vão contribuir na formação complementar dos estudantes. “Queremos que o conhecimento prático dos manejadores seja levado à escola para que os alunos possam entender a importância do manejo florestal. Quais são as espécies de árvores manejadas? Quais as relações ecológicas relacionadas à floresta. Entender todo o processo”, comentou Sandro Augusto Regatieri, educador ambiental do Instituto Mamirauá.

Duas ações serão executadas na escola: os “Cantos da Ciência” e os miniviveiros. Nos “Cantos da Ciência”, os estudantes vão ter acesso a uma gama de materiais, disponibilizados pelo Instituto Mamirauá, para complementar o estudo das dinâmicas da floresta. Os comunitários trarão os materiais para estudo – sementes, frutos e folhas – e ainda passarão informações sobre as características das espécies manejadas.

Já os miniviveiros, canteiros suspensos atrás das escolas, serão ambientes para complementar os co-

nhcimentos adquiridos nos “Cantos da Ciência”. O estudante irá cultivar as plantas e verificar, com ajuda de professores e moradores, as experiências de germinação de sementes e as características de crescimento do vegetal. Posteriormente, os miniviveiros também produzirão as mudas que serão utilizadas na reposição florestal daquela comunidade.

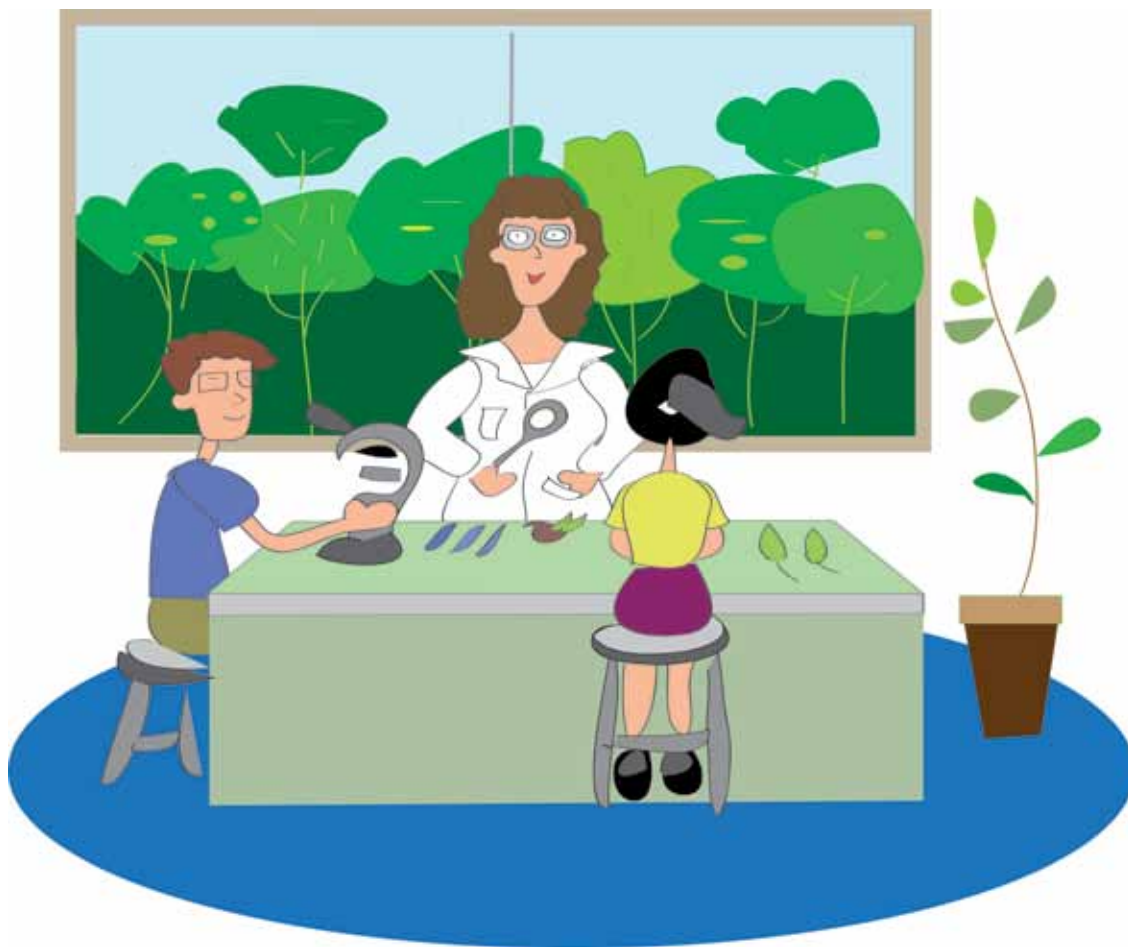
“O aluno irá fazer todo o processo. Desde entender aquela planta, criar mudas, cultivar na floresta e monitorar. Após isso, ele vai saber onde é o melhor local para plantá-la. Queremos que esse aluno continue o processo trabalhando como manejador, técnico ou engenheiro florestal, ou que, apenas, tenha outro olhar da floresta, que ela é um local para interagir e que essa interação tem que ser harmoniosa”, contou Regatieri.

COM OS PROFESSORES

Outra atividade dessa ação é a capacitação dos professores que lecionam nas comunidades envolvidas. O programa criará meios para viabilizar aulas contextualizadas dentro da ação de reposição e ecologia florestal. Professores e técnicos do Instituto Mamirauá construirão materiais didáticos condizentes com a realidade do ecossistema de várzea. Além disso, a ação irá orientar professores na construção de planos de aula. “Estamos pleiteando o apoio das Secretarias Municipais de Educação de Uarini e de Maraã. Eles liberarão os professores das comunidades onde vamos trabalhar. Iremos capacitá-los com oficinas e acompanhamentos sistemáticos”, explicitou.

Comitiva

O Instituto Mamirauá recebeu, de 14 a 15 de março, membros do Ministério de Clima e Meio Ambiente e da Embaixada da Noruega no Brasil. O grupo conheceu os projetos de conservação do Instituto Mamirauá atualmente financiados pelo Fundo Amazônia. A visita começou na sede da instituição e terminou na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Entre outras atividades, a comitiva conheceu uma área de Plano de Manejo Florestal e uma parcela monitorada pelo Grupo de Pesquisa em Ecologia Florestal do Instituto Mamirauá (as parcelas são áreas monitoradas para corte, medida e reflorestamento para redução de emissão de carbono).



Confira as últimas produções científicas e técnicas do Instituto Mamirauá

Por Eunice Venturi, com colaboração de Francisco Rosa



Construindo as bases para um Sistema de Manejo Participativo dos Jacarés Amazônicos

Dando continuidade à série de protocolos de manejo de recursos naturais do Instituto Mamirauá, “Construindo as bases para um Sistema de Manejo Participativo dos Jacarés Amazônicos” aborda critérios e orientações para definir as primeiras fases da estruturação do manejo de jacarés com envolvimento e participação das comunidades. Na opinião do pesquisador do Instituto Mamirauá Robinson Botero-Arias, um dos autores do protocolo, o documento foi estruturado tendo como base as legislações estadual e federal, assim como os critérios biológicos e sociais que regem o plano de gestão da Reserva Mamirauá. “O objetivo do protocolo é apresentar de forma clara e estruturada os critérios e as diretrizes para construção e implementação de um sistema de manejo de jacarés, com base comunitária”, comentou o pesquisador. Para fazer o download, acesse www.mamiraua.org.br/protocolo-jacares



Contagem e Censo Populacional de Pirarucu

Orientar organizações de pescadores e auxiliar técnicos no treinamento de pescadores é um dos objetivos da cartilha “Contagem e Censo Populacional de Pirarucu”. A publicação tomou como base estudos científicos e a experiência de 15 anos de assessoria técnica aos projetos de manejo realizada pelo Instituto Mamirauá. O material traz informações sobre o sistema respiratório do pirarucu que possibilitou o método de contagem e sua utilidade. Na aplicação do método, é possível conhecer a divisão das unidades de áreas, posicionamento dos contadores, tempo de contagem, tamanho e classificação dos peixes, além de formas sobre como quantificar e registrar os dados durante as contagens. Para o técnico em pesca, Ruiter Braga, um dos autores da publicação, a cartilha é uma ferramenta que visa compartilhar, de forma didática e padronizada, a aplicação do método. Para fazer o download, acesse www.mamiraua.org.br/cartilha-censo-pirarucu



Princípios de Manejo Florestal

Visando contribuir com a organização socioeconômica de comunidades rurais, o Instituto Mamirauá lançou “Princípios de Manejo Florestal”. A cartilha também proporciona uma leitura sobre os conceitos básicos do manejo, plano de manejo, legislação, além da importância do manejo florestal e seus benefícios. De acordo com Elenice Assis, coordenadora do Programa de Manejo Florestal Comunitário do Instituto Mamirauá, a cartilha é a primeira de uma série que o programa irá lançar. “A cartilha faz parte do passo a passo do manejo florestal que é repassado aos manejadores da Reserva Mamirauá. É a parte introdutória das orientações técnicas sobre o plano de manejo florestal. Após essa etapa, serão feitas as cartilhas com as demais fases desse processo, fundamentais para executar a atividade com mais eficiência”, enfatizou a coordenadora. Para fazer o download, acesse www.mamiraua.org.br/cartilha-principios-manejo

Uau!



Nos 15 anos do Instituto Mamirauá, queremos comemorar a criação de um acervo científico com várias coleções biológicas e antropológicas, que representam a realidade local e regional.



Instituto Mamiraua